

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA JULIA LEÃO DE LIMA

SANTO AGOSTINHO E A DOUTRINA CRISTÃ:
Princípios Para a Interpretação Das Escrituras Sagradas

GOIÂNIA

2023

MARIA JULIA LEÃO DE LIMA

SANTO AGOSTINHO E A DOUTRINA CRISTÃ:

Princípios Para a Interpretação Das Escrituras Sagradas

Trabalho de conclusão de curso apresentado para Curso de Graduação em História como requisito parcial para à obtenção de licenciatura em História da Universidade Pontifícia de Goiás.

Sob a orientação da Prof^a Dr^a Renata Cristina de Sousa Nascimento.

GOIÂNIA

2023

MARIA JULIA LEÃO DE LIMA

SANTO AGOSTINHO E A DOCTRINA CRISTÃ:

Princípios Para a Interpretação Das Escrituras Sagradas

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final de conclusão de curso, sob orientação da professora e doutora Renata Cristina de Sousa Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Examinador:

Profa. Ma. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva

Orientadora:

Profª Drª Renata Cristina de Sousa Nascimento.

GOIÂNIA

2023

RESUMO

O presente trabalho aborda a vida e obra de Agostinho de Hipona, um intelectual comprometido com o discurso cristão. No Capítulo I, examinamos o contexto histórico em que Agostinho viveu, bem como seus dados biográficos e principais obras. No Capítulo II, concentramos nossa atenção na Doutrina Cristã de Agostinho. Discutimos o objetivo dessa obra, a interpretação da Escritura e as ambiguidades presentes nela. O estudo busca compreender a contribuição de Agostinho como pensador cristão e suas ideias sobre a interpretação das escrituras sagradas.

ABSTRACT

This paper examines the life and work of Augustine of Hippo, an intellectual committed to the Christian discourse. In Chapter I, we explore the historical context in which Augustine lived, as well as his biographical data and major works. In Chapter II, our focus shifts to Augustine's Christian Doctrine. We discuss the purpose of this work, the interpretation of Scripture, and the ambiguities found within it. Additionally, we present Augustine's principles for interpreting figurative texts. The study aims to understand Augustine's contribution as a Christian thinker and his ideas on the interpretation of sacred scriptures.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: AGOSTINHO DE HIPONA: UM INTELLECTUAL COMPROMETIDO COM O DISCURSO CRISTÃO.....	10
1.1 Agostinho em seu tempo.....	10
1.2 Dados Biográficos.....	15
1.3 Obras.....	21
CAPÍTULO II: A DOCTRINA CRISTÃ: COMO INTERPRETAR AS SAGRADAS ESCRITURAS.....	25
2.1 Estruturas e objetivo da obra.....	25
2.2 A interpretação das Escrituras.....	27
2.3 Ambiguidades Interpretativas.....	30
2.4 Princípios para interpretação de textos figurados:.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

Ao longo da história, inúmeros intelectuais se dedicaram ao estudo e à interpretação das escrituras cristãs, buscando compreender e transmitir as mensagens contidas nelas. Entre esses destacados estudiosos, destaca-se Agostinho de Hipona, uma figura proeminente do cristianismo primitivo. Agostinho não apenas foi um influente teólogo e filósofo, mas também um intelectual comprometido com o discurso cristão, cujas obras desempenharam um papel fundamental na formação da doutrina cristã.

Nascido em Tagaste, na província romana da Numídia (atual Argélia) em 354 d.C., Agostinho viveu em um período marcado por transformações sociais, políticas e religiosas. Sua formação acadêmica e intelectual foi ampla e diversificada, tendo estudado retórica, filosofia e literatura em Cartago e Roma. No entanto, foi através de suas experiências pessoais e da busca por respostas para as grandes questões da vida que ele se voltou para o cristianismo e abraçou a fé.

Agostinho experimentou uma intensa jornada espiritual, marcada por questionamentos e conflitos internos. Sua conversão ao cristianismo ocorreu em Milão, sob a influência de Santo Ambrósio, bispo da cidade. Após sua conversão, Agostinho dedicou-se ao estudo da teologia e da filosofia cristã, tornando-se um proeminente defensor da fé e um importante líder da Igreja.

Sua contribuição para a interpretação das escrituras sagradas foi amplamente reconhecida e suas obras, como "Confissões" e "A Cidade de Deus", tornaram-se pilares da teologia cristã. Agostinho enfatizava a importância da razão e da fé em sua abordagem interpretativa, buscando harmonizar as verdades da revelação divina com a compreensão humana.

Ao explorar o contexto histórico e os dados biográficos relevantes sobre Agostinho, podemos compreender melhor a trajetória desse pensador e como ela contribuiu para o seu engajamento com o discurso cristão. Suas experiências pessoais, suas reflexões filosóficas e sua paixão pelo conhecimento desempenharam um papel fundamental em sua abordagem interpretativa das escrituras.

No primeiro capítulo desta pesquisa, examinaremos o contexto histórico em que Agostinho viveu, situando-o em sua época e enfatizando os desafios e as influências que moldaram suas ideias. Através dessa análise, poderemos compreender como o ambiente cultural, as correntes filosóficas e as controvérsias teológicas da época influenciaram o pensamento de Agostinho e sua abordagem para a interpretação das escrituras.

No segundo capítulo, analisaremos a obra Doutrina Cristã de Agostinho, focando especificamente na interpretação da Escritura. Investigaremos o objetivo principal de suas obras, evidenciando como Agostinho abordou a interpretação das escrituras em sua complexidade. Destacaremos também as ambiguidades que podem surgir na Escritura e como Agostinho lidou com elas, apresentando os princípios que ele defendeu para a interpretação de textos figurados. Acreditava que a interpretação adequada das escrituras era essencial para a compreensão da verdade divina e a orientação espiritual dos fiéis. Por meio de uma análise minuciosa das palavras, símbolos e contextos, Agostinho buscava desvelar as profundas verdades contidas nas escrituras e sua relevância para a vida dos cristãos.

Ao longo dos séculos, as contribuições de Agostinho para a interpretação das escrituras e para a doutrina cristã foram amplamente reconhecidas e influentes. Sua abordagem hermenêutica e sua visão teológica moldaram a compreensão da fé cristã, fornecendo um fundamento sólido para a interpretação das escrituras ao longo da história.

Dessa forma, esta pesquisa pretende analisar as técnicas de interpretação das escrituras adotadas por Agostinho de Hipona, destacando seus princípios para a interpretação de textos figurados. Por meio dessa análise, buscamos compreender a relevância e a influência dessas abordagens na doutrina cristã, bem como seu impacto na interpretação das escrituras ao longo dos séculos. Além disso, pretendemos fornecer insights valiosos para aqueles interessados no estudo teológico e filosófico, assim como para todos os que buscam uma compreensão mais ampla da tradição cristã.

Ao final deste estudo, esperamos contribuir para uma compreensão mais aprofundada do pensamento de Agostinho de Hipona e de sua contribuição para a interpretação das escrituras, fornecendo uma visão abrangente de sua vida, contexto histórico e abordagens interpretativas. Agostinho é uma figura

significativa na história do cristianismo, e seu legado continua a influenciar a interpretação bíblica até hoje.

CAPÍTULO I: AGOSTINHO DE HIPONA: UM INTELECUAL COMPROMETIDO COM O DISCURSO CRISTÃO.

1.1 Agostinho em seu tempo

Santo Agostinho viveu no contexto histórico do final do Império Romano, período em que o cristianismo estava em ascensão, mas ainda havia uma forte presença do paganismo em todo o Império, especialmente entre as elites culturais e aristocráticas. Havia uma tentativa de equilibrar as duas religiões como uma estratégia para ganhar aceitação e legitimidade entre os seguidores do paganismo.

Os sucessores cristãos de Constantino enfrentavam dificuldades para consolidar o cristianismo como religião oficial do Império. A questão de quem seria o próximo imperador era crucial, e os imperadores eram geralmente escolhidos por um grupo de “clãs” militares e aristocráticos, conhecidos como “comitatus”. Estes grupos favoreciam candidatos que compartilhavam sua própria filiação religiosa. O último imperador pagão, Juliano, tentou restaurar a religião pagã no Império, mas morreu em batalha durante uma campanha militar contra o Império Persa. Após o falecimento de Juliano, a incerteza quanto ao próximo imperador era evidente, no entanto, as facções encarregadas da seleção dos imperadores optaram por eleger cristãos: Joviano, que veio a falecer pouco depois, e em seguida Valentiniano. Os herdeiros cristãos de Constantino buscaram conciliar o cristianismo e o paganismo, porém a tolerância religiosa era meramente superficial, haja vista que a proibição dos rituais pagãos ainda estava em vigor. A busca por harmonizar as duas crenças reflete as pressões políticas e religiosas que surgiram no Império Romano após a “conversão” de Constantino.

Esse parêntese só não se fechou porque, com a morte de Juliano, em 363, os clãs de que falávamos, responsáveis pela escolha dos imperadores, depois de alguma hesitação elegeram finalmente cristãos e não pagãos: Joviano, que logo morreu, e depois Valentiniano. (Veyne, 2011, pag 104)

O paganismo persistia mesmo após a conversão do Imperador Graciano ao cristianismo. Ausônio, poeta e intelectual cristão, descreveu o imperador Graciano presidindo uma cerimônia pagã em Roma como grande pontífice, participando da divindade com os sacerdotes pagãos. Essa prática de participar de cerimônias pagãs foi uma das maneiras que os sucessores cristãos

de Constantino utilizaram para ganhar aceitação e legitimidade entre os seguidores do paganismo. No entanto, essa tolerância religiosa era apenas aparente, já que a proibição dos sacrifícios pagãos ainda era mantida. No início de seu governo, o imperador Valentiniano oficialmente autorizou "que cada um pudesse praticar sua religião", uma ação que parecia indicar um esforço para fomentar a convivência pacífica entre as várias crenças existentes no Império e evitar conflitos. Apesar das iniciativas para conciliar as duas religiões, o resultado foi insatisfatório, levando à adoração do Império Romano ao cristianismo como religião oficial e dominante.

Apesar da proibição "ecológica" dos únicos sacrifícios, os sucessores cristãos de Constantino simularão respeitar um equilíbrio entre cristianismo e paganismo. Trinta anos depois da morte de Constantino, o imperador Valentiniano, no início de seu reinado, permitia solenemente que "cada um praticasse o culto de sua fé"; (Veyne, 2011, pag 101)

Santo Agostinho, sem dúvida, viveu em uma época conturbada, em que o cristianismo estava em meio a conflitos com outras religiões. Nesse contexto, ele se destacou como um dos maiores pensadores cristãos do século IV e V, sendo suas ideias profundamente influenciadas pelos acontecimentos históricos que o cercavam, sobretudo as tensões religiosas e políticas que ocorriam no Império Romano. Agostinho foi um indivíduo que se preocupou profundamente com a busca da paz e harmonia entre as religiões, e que desejou ardentemente que o cristianismo fosse amplamente aceito e legitimado. Em suas obras, é possível sentir a angústia que ele experimentou diante das questões teológicas e filosóficas que surgiram nesse período.

Quando ouço que algum dos meus irmãos em Cristo ignora estes problemas e confunde umas coisas com outras, sofro com paciência a sua opinião. Ainda que ele não saiba a posição e a natureza das criaturas corpóreas, não vejo que isso lhe seja prejudicial, contanto que não creia em coisas indignas de Vós, Senhor e Criador de tudo. Santo Agostinho; Agostinho de Hipona. Confissões (p. 91). Montecristo Editora. Edição do Kindle.

Para entender o contexto em que Agostinho viveu, é importante examinar também o surgimento e a disseminação do maniqueísmo. Essa seita religiosa, fundada pelo profeta Mani no século III, atraiu muitos seguidores no Império Romano, inclusive em regiões onde o cristianismo ainda não tinha se estabelecido firmemente. A disseminação do maniqueísmo representou um desafio para os cristãos, que precisavam conciliar a nova religião com a tradição

pagã e combater a heresia maniqueísta. Agostinho, que foi inicialmente adepto do maniqueísmo, teve um papel fundamental nesse processo, ao criticar e refutar as doutrinas maniqueístas e defender a ortodoxia cristã.

Foi esse "conhecimento da razão das coisas" que os maniqueus deixaram claro para Agostinho. Em suma, conquanto todos tivessem consciência da mescla íntima de bem e mal dentro de cada um e no mundo ao redor, era ao mesmo tempo, profundamente repugnante para o homem religioso, assim como absurdo para o pensador racional, que esse mal pudesse provir de Deus. Deus era bom, totalmente inocente. (Brown, 2020, pag. 58)

A citação de Peter Brown faz referência ao conflito entre a visão maniqueísta e a visão cristã de Agostinho sobre a origem do mal no mundo. Os maniqueus acreditavam em um dualismo cósmico, no qual o universo é governado por duas forças opostas, o bem e o mal. Segundo essa visão, a fonte do mal não poderia estar em Deus, que é visto como puramente bom, mas sim em uma força maligna que luta contra Deus.

Em contrapartida, Agostinho rejeitava a visão maniqueísta e defendia que o mal não possuía uma existência positiva, mas era a ausência do bem. Para Agostinho, Deus era a fonte do bem absoluto, e o mal era consequência da escolha livre e responsável das criaturas que se afastavam de Deus. Embora reconhecesse a dificuldade em conciliar a existência do mal com a bondade de Deus, Agostinho afirmava que essa questão era um mistério divino e que a razão humana tinha suas limitações para compreendê-la por completo.

Em absoluto, o mal não existe nem para Vós, nem para as vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecesteis. Mas porque, em algumas das suas partes, certos elementos não se harmonizam com outros, são considerados maus. Mas estes coadunam-se com outros, e por isso são bons (no conjunto) e bons em si mesmos. Todos estes elementos que não concordam mutuamente concordam na parte inferior da criação a que chamamos terra, cujo céu acastelado de nuvens e batido pelos ventos quadra bem com ela. Santo Agostinho; Agostinho de Hipona. Confissões (pp. 145-146). Montecristo Editora. Edição do Kindle.

Embora os conflitos entre os maniqueus e Agostinho tenham sido principalmente teológicos, a controvérsia com os donatistas foi política e social. Enquanto os maniqueus representavam uma heresia que Agostinho tentou refutar por meio da razão e da lógica, os donatistas eram um grupo separatista que se afastou da Igreja Católica devido a uma disputa sobre a validade do batismo realizado por um sacerdote pecador. Os donatistas acreditavam que

apenas aqueles que foram batizados por sacerdotes sem manchas eram membros legítimos da Igreja, enquanto a Igreja Católica reconhecia o batismo como válido independentemente da pureza do sacerdote. Essa disputa criou tensões entre as duas igrejas na África do Norte, e Agostinho se envolveu na controvérsia como defensor da Igreja Católica. Para Agostinho, os donatistas representavam um grupo separatista que ameaçava a unidade da Igreja e, portanto, eram uma ameaça à salvação das almas.

As duas Igrejas haviam desempenhado um papel drástico na promoção do fim do paganismo na África. Viram-se enfrentando o problema fundamental da relação de qualquer grupo com a sociedade em que vive. Sintetizando, os donatistas pensavam em si como um grupo que existia para preservar e proteger uma alternativa à sociedade que os cercava. Sentiam que sua identidade era constantemente ameaçada, primeiramente pela perseguição, depois pela contemporização. A inocência, a pureza dos rituais e o sofrimento meritório predominavam em sua auto-imagem. Eles eram únicos, "puros": "a Igreja dos justos que são perseguidos e não perseguem". (Brown, 2020 pag. 264)

Peter Brown (2020) destaca a visão dos donatistas sobre a relação do seu grupo com a sociedade em que viviam. Segundo ele, os donatistas viam-se como um grupo que existia para preservar e proteger uma alternativa à sociedade que os cercava. Ou seja, acreditavam que sua identidade estava ameaçada pela influência da sociedade e, por isso, se esforçaram para manter uma pureza ritual e moral que os diferenciava dos demais.

Os donatistas tinham uma forte crença na pureza da Igreja e acreditavam que somente aqueles que eram justos e santos deveriam fazer parte dela. Eles consideravam-se como a verdadeira Igreja dos justos que eram perseguidos e não perseguem. Para eles, a Igreja não poderia ter nenhuma conexão com os pecadores e, portanto, defendiam a exclusão de quem não seguia rigorosamente os preceitos religiosos.

A questão do Donatismo acabou por deixar Agostinho profundamente preocupado com a fragmentação da Igreja e das comunidades cristãs. Ele viu como o movimento separatista levou a uma perigosa polarização entre uma elite ascética e uma plebe passiva, o que acabou por dificultar a cristianização do mundo romano. Nesse sentido, a ideia de especialização moral representou um desafio ainda maior para Agostinho, já que ela acabou por aprofundar ainda mais o abismo entre as diferentes camadas da sociedade e os fiéis cristãos, com cada grupo tendo expectativas morais e práticas distintas. Esse cenário tornou ainda

mais difícil para Agostinho encontrar uma maneira de unir as comunidades cristãs em torno de uma ética comum e coesa, o que se tornou um grande desafio para o bispo de Hipona.

Havia nas idéias morais de seus ouvintes outra brecha que Agostinho nada podia fazer para vedar, pois era uma brecha na própria ética cristã. As comunidades cristãs haviam passado a aceitar cada vez mais um perigoso grau de “especialização moral”: uma vida destinava-se aos “perfeitos”, outra aos cristãos médios.” E foi exatamente esse aprofundamento do abismo entre uma elite ascética e uma plebe passiva que paralisou a cristianização do mundo romano. (Brown, 2020, pag. 309)

Peter Brown (2020) ressalta um aspecto crucial para a compreensão da relação de Agostinho com seu tempo: a especialização moral dentro das comunidades cristãs. Esse conceito se referia à ideia de que havia um grupo de cristãos “perfeitos”, que seguiam uma vida ascética e dedicada inteiramente a Deus, e outro grupo de cristãos “médios”, que levavam uma vida mais mundana e com concessões ao pecado. Essa divisão criava um abismo entre os dois grupos, o que paralisou a cristianização do mundo romano. Agostinho se opunha a essa divisão e defendia a importância de uma moralidade compartilhada por todos os cristãos, sem distinção de classe ou status social. No entanto, essa brecha ética já estava enraizada na sociedade cristã e seria uma questão que Agostinho teria que enfrentar ao longo de sua vida e obra.

Ao analisarmos a trajetória de vida e obra de Agostinho, podemos notar sua forte influência do contexto histórico e das questões teológicas, filosóficas e morais presentes em sua época. Seu pensamento foi moldado por diversas correntes de pensamento, que variam desde o paganismo até o cristianismo com suas distintas vertentes. O embate com os pensamentos dos maniqueus e donatistas, por exemplo, levou-o a aprofundar reflexões sobre a natureza do mal e a importância da unidade da Igreja. Ademais, a questão da especialização moral o levou a questionar a ideia de que somente uma elite ascética seria capaz de viver uma vida cristã e a defender que a busca pela santidade deveria ser acessível a todos os cristãos. Dessa forma, Agostinho se tornou um renomado pensador de sua época, cujas ideias reverberam até os dias atuais e cujo legado influencia o pensamento cristão e filosófico.

1.2 Dados Biográficos

O local de nascimento de Agostinho é a cidade de Tagaste, que já existia há cerca de 300 anos na época em que o filósofo nasceu, em 354. Era um dos muitos assentamentos que os romanos estabeleceram no norte da África, e tinha um forte senso de identidade e orgulho próprio, como evidenciado pelo fato de se autodenominar "mui resplandecente" conselho de Targaste.

Quando Agostinho ali nasceu, em 354, a cidade de Tagaste (moderna Suk Ahras, na Argélia) tinha 300 anos. Era um dos muitos núcleos de flagrante amor-próprio que os romanos haviam espalhado por todo o norte da África: dava a si mesma o nome de "mui resplandecente" conselho de Targaste. (Brown, 2020, pág 23)

Para uma compreensão mais completa da vida e obra de Agostinho, é imprescindível considerar a influência da geografia e do contexto histórico em que ele viveu. O fato de ter nascido em uma cidade com uma história rica e uma forte identidade cultural pode ter influenciado sua visão de mundo e seu pensamento filosófico. Além disso, a presença romana na região também teve um grande impacto sobre a vida de Agostinho e sobre o mundo em que ele viveu.

Brown (2020) aponta que, apesar de Agostinho ter mencionado seu irmão Návigio e possivelmente suas irmãs em suas obras, é sua mãe, Mônica, que é a figura mais importante em sua vida.

Entretanto, apenas por intermédio de referências de passagem nas Confissões e noutros textos é que sabemos que Agostinho teve pelo menos um irmão, Návigio, talvez duas irmãs, e que sua mãe, Mônica, devia ter 23 anos quando ele nasceu. O que ele lembrou nas Confissões foi sua vida íntima; e essa vida íntima era dominada por uma figura - sua mãe, Mônica.

Poucas mães conseguem sobreviver a nos serem apresentadas exclusivamente em termos do que passaram a significar para seus filhos, e muito menos para um filho tão complexo quanto Agostinho. (Brown, 2020, pag 34)

Brown (2020) aponta para uma característica singular na forma como Agostinho se refere a sua mãe nas "Confissões". Ele destaca que é incomum encontrar uma figura materna retratada exclusivamente em relação ao significado que ela tem para seus filhos, especialmente em uma obra literária tão densa e complexa como as "Confissões". Essa observação sugere que Mônica desempenhou um papel fundamental na vida e na obra de Agostinho, influenciando profundamente a sua visão de mundo e contribuindo para a formação de seu caráter.

Agostinho conferiu elevada relevância à sua genitora em seus escritos, relatando-a como uma mulher piedosa e consagrada, cujas preces e modelo o impactaram significativamente. Mônica foi essencial em sua adesão ao cristianismo e permaneceu como uma fonte de estímulo e direção espiritual para ele até o seu falecimento.

Todos os que a conheciam Vos louvavam, honrando-Vos e amando-Vos nela, porque lhe sentiam no coração a vossa presença, comprovada pelos frutos duma existência tão santa. Tinha sido "esposa dum só marido, saldara aos pais a sua dívida de gratidão, governara a casa piedosamente". Com as suas boas obras, dava testemunhos de santidade. Educara os filhos, dando-os tantas vezes à luz, quantas os via apartarem-se de Vós. Santo Agostinho; Agostinho de Hipona. Confissões (p. 194). Montecristo Editora. Edição do Kindle.

Entretanto, podemos adotar uma perspectiva distinta ao analisar a influência do progenitor de Agostinho. Brown observa a ausência notável de menções a Patrício nas obras do pensador, inclusive em "Confissões". O estudioso sugere que Agostinho não aborda o pai com o mesmo apreço e devoção dedicados à sua mãe, Mônica. De fato, parece que Agostinho mantém certa reserva emocional em relação ao genitor, cujo papel é menos aprofundado em sua obra.

Apesar disso, é importante mencionar que Brown aponta algumas informações que Agostinho oferece sobre Patrício. O filósofo o descreve como um indivíduo generoso, porém de personalidade impetuosa. Além disso, Agostinho realça que Patrício é altamente valorizado por ter se esforçado em proporcionar a melhor formação possível para o seu filho.

Em contraste, o pai de Agostinho, Patrício, escapa-nos por completo. Agostinho, homem de muitos silêncios significativos, calaria friamente sobre ele. Patrício era generoso, mas "exaltado". Orgulhava-se exageradamente do filho: era admirado por todos pelos sacrifícios que levar a cabo a educação de Agostinho. (Brown,2020, pag. 35)

Embora a figura paterna não seja tão presente nas "Confissões", algumas interpretações sugerem que a ausência de Patrício na obra pode ter sido intencional por parte de Agostinho. Alguns estudiosos argumentam que isso pode estar relacionado ao fato de que Agostinho se viu como um "filho" de Deus, portanto, sua figura paterna terrena não era tão importante para ele quanto a figura materna e divina. Outros argumentam que a relação complicada de Agostinho com o pai, que muitas vezes se opunha às ambições intelectuais e

religiosas do filho, pode ter influenciado a maneira como Agostinho abordou a figura paterna em sua obra.

Brown (2020) aponta para que, embora Agostinho tenha sido educado para se tornar um mestre da palavra falada, o conteúdo de sua instrução foi árido e pagão. Isso significa que sua educação se concentrou principalmente em habilidades de oratória e na leitura de autores clássicos, como Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio. No entanto, a filosofia, a ciência e a história eram ignoradas, tornando sua educação bastante limitada em comparação com a de um estudante moderno.

Agostinho seria educado para se tornar um mestre da palavra falada, o conteúdo de sua instrução foi árido. E francamente pagão. Era dentemente escasso: ele deve ter lido muito menos autores clássicos do que um estudante moderno. Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio eram os únicos autores detidamente estudados. Tratava-se de um ensino exclusivamente literário: filosofia, ciência e história eram ignoradas. (Brown,2020, pag. 42)

Essa formação literária e retórica foi fundamental para a carreira de Agostinho como orador e pregador cristão, mas também pode ter contribuído para sua posterior conversão ao cristianismo. Ao se tornar mais familiarizado com as Escrituras cristãs e seus ensinamentos, Agostinho pode ter percebido a inadequação da educação pagã que havia recebido e buscado uma educação mais completa e espiritualmente satisfatória.

Brown (2020) escreve sobre a chegada de Agostinho em Cartago aos 17 anos de idade, onde ele relata que a cidade estava repleta de amores ilícitos. Brown destaca que Agostinho era parte dessa fervura e que sua vida em Cartago era mais excitante do que em sua cidade natal.

Não chega a surpreender, portanto, que sua chegada a Cartago, em 371, aos 17 anos de idade, tenha sido tão memorável. "Vim para Cartago, onde por todos os lados borbulhava a sertã de amores ilícitos. A fervura da sertã era sobretudo do próprio Agostinho. A vida decerto era mais excitante em Cartago. Os estudantes eram turbulentos, como se poderia esperar de rapazes vindos de pequenas cidades provincianas espalhadas por toda a África, tendo sua primeira experiência de liberdade numa cidade grande. (Brown, 2020,pag. 44)

Brown (2020) também faz uma observação sobre os estudantes de Cartago, que eram turbulentos e provavelmente vindos de pequenas cidades provincianas, o que pode ter influenciado o comportamento de Agostinho. Sua primeira experiência de liberdade em uma cidade grande pode ter sido um fator determinante em seu desenvolvimento como homem e como pensador.

Após 15 anos de estudos em retórica, filosofia e literatura, Agostinho percebeu que seu interesse em conhecimento acadêmico não o preenchia completamente e que ele estava em busca de algo mais. Ele começou a questionar sua vida e seus valores, refletindo sobre a verdadeira natureza do bem e do mal e procurando respostas para perguntas profundas sobre a vida. Essa busca incessante pela verdade acabou levando-o a encontrar o cristianismo, que se tornaria sua nova paixão. A partir daí, ele se dedicou a estudar a religião e seus ensinamentos, tornando-se um grande defensor da fé cristã. O período de seus estudos em Cartago e sua decisão de sair representam, portanto, uma transição fundamental em sua vida, um ponto de inflexão que o levou a seguir um novo caminho.

Agostinho, aos 32 anos de idade, toma a decisão de deixar Cartago e mudar-se para Roma, movido por promessas de amigos bem relacionados de "maiores lucros" e "grandes honrarias". É interessante notar como a decisão de Agostinho é motivada tanto por questões pessoais, como sua insatisfação com a vida em Cartago e com os maniqueístas, quanto por motivos externos, como as promessas de seus amigos. Essa dualidade de motivações é um traço característico da personalidade complexa de Agostinho, que, ao longo de sua vida, oscilou entre a busca da satisfação pessoal e a busca pela verdade e pelo sentido da vida..

Em 382, era chegado o momento de Agostinho mudar-se de Cartago. Estava decepcionado com os maniqueístas: afinal, eles eram uma seita perseguida, que vivia temerosa de denúncias. Desagradava-lhe lecionar para estudantes tão desordeiros. Alípio já partira para Roma antes dele, como advogado do governo. Amigos bem relacionados então prometeram a Agostinho "maiores lucros" e "grandes honrarias" (Brown,2020, pag 82)

Peter Brown destaca como Milão se tornou uma cidade significativa para Agostinho, não apenas como um lugar de novas oportunidades, mas também como um lugar simbólico. Agostinho chegou a Milão em 384 e logo foi apresentado ao bispo Ambrósio, que se tornaria um amigo e mentor importante. Ambrósio abriu novos horizontes intelectuais para Agostinho, apresentando-lhe autores cristãos e oferecendo-lhe uma nova compreensão do cristianismo.

Para Agostinho, Milão significou novos interesses, uma nova aprendizagem e grandes possibilidades de êxito. Durante um ano, ele se lançou na vida da cidade com vigor e entusiástica ambição. A longo prazo, entre- tanto, Milão transformou-se para ele numa cidade

simbólica, tendo ao centro uma figura inesperada.(Brown,2020,pag. 85)

Além disso, Milão se tornou simbólica para Agostinho por causa de sua experiência religiosa ali. Ele descreve em suas Confissões como, em um jardim em Milão, ele teve uma experiência mística que o levou a se converter ao cristianismo. Essa conversão foi um momento crucial na vida de Agostinho e, de fato, na história do cristianismo. A cidade de Milão, portanto, desempenhou um papel importante na vida e no trabalho de Agostinho, tanto como um lugar de aprendizagem quanto como um lugar de transformação religiosa.

Afastei-me para o jardim e Alípio seguiu-me, passo a passo. Mesmo com ele presente, a minha solidão continuava. Como me havia ele de deixar, naquele estado? Sentamo-nos o mais longe possível de casa. Eu rangia em espírito, irando-me com turbulenta indignação, por não poder seguir o vosso agrado e aliança, ó meu Deus, pela qual todos os meus ossos clamavam, erguendo-Vos louvores até ao céu. Santo Agostinho; Agostinho de Hipona. Confissões (p. 169). Montecristo Editora. Edição do Kindle.

Após sua conversão, Agostinho passou a estudar teologia e filosofia cristã, e sua vasta erudição e habilidades retóricas o levaram a se destacar como um dos principais teólogos cristãos da época. Em 395, Agostinho foi ordenado bispo de Hipona, cidade no norte da África, onde ele passou grande parte de sua vida e onde teve um papel importante na difusão do cristianismo na região.

Durante o período em que foi bispo de Hipona, Agostinho teve uma importante participação na transformação da cidade em um centro cristão. Ele expulsou os donatistas, um grupo rival de cristãos que se opunham à autoridade católica, e isso levou a uma mudança significativa em sua posição frente aos homens influentes da cidade.

Apesar de sua rotina pastoral invariável, ele viveu numa geração de mudanças rápidas, muitas das quais foram provocadas por sua própria iniciativa e pela de seus colegas católicos. Durante o episcopado agostiniano, Hipona tornou-se uma cidade cristã; Agostinho expulsou seus rivais cristãos, os donatistas, e sua posição frente aos homens influentes do lugar sofreu uma mudança drástica. (Brown,2020, pag 236)

Essas mudanças, iniciadas por Santo Agostinho e seus colegas católicos, tiveram um impacto significativo na história da Igreja Católica e na sociedade em geral. Através da sua liderança e influência, Santo Agostinho foi capaz de moldar a religião e a cultura da época, tornando-se uma figura central na história do cristianismo.

Após se tornar bispo de Hipona em 395, Agostinho passou a exercer um papel de liderança importante na Igreja. Durante seu episcopado, ele escreveu algumas de suas obras mais famosas, como "Confissões" e "A Cidade de Deus". No entanto, após mais de três décadas como bispo, chegou a hora de Agostinho enfrentar sua própria mortalidade. A partir deste momento, veremos como a vida e a obra do bispo de Hipona se entrelaçam, em um final que marcou a história da Igreja e influenciou a filosofia e teologia cristãs por séculos.

Peter Brown (2020) retrata os últimos dias de Agostinho em Hipona, quando ele foi acometido por uma doença que acabou por levá-lo à morte. Em agosto de 430, Agostinho adoeceu, tomado por uma febre. Sabia que ia morrer. Longe, na Itália, Paulino também agonizava, mas na profunda paz de uma cidade provinciana, recebendo as visitas corteses de seus amigos." Agostinho quis morrer sozinho. (Brown, pág 539). Mesmo diante do seu sofrimento físico, Agostinho encontrou a paz em sua cidade natal, onde recebeu visitas de seus amigos e admiradores. No entanto, mesmo com as visitas corteses e a companhia dos seus entes queridos, Agostinho escolheu enfrentar a sua morte sozinho. Esse episódio revela um traço importante da personalidade de Agostinho: a sua forte determinação e independência, mesmo em momentos de fragilidade e vulnerabilidade.

Ao refletir sobre os dados biográficos de Agostinho, percebemos que sua vida foi repleta de desafios, transformações e experiências que o moldaram como homem e pensador. Desde sua infância humilde em Tagaste até sua morte em Hipona, Agostinho viveu em uma época de intensas mudanças e conflitos religiosos e políticos, o que o levou a ter uma visão singular da vida e da fé cristã. Sua jornada pessoal de busca pela verdade, que incluiu momentos de questionamento, dúvida e desespero, foi marcada pela influência de importantes figuras e correntes de pensamento, como Cícero, Plotino, o maniqueísmo e os donatistas. Como bispo de Hipona, Agostinho exerceu um papel importante na expansão da Igreja e na defesa da ortodoxia cristã contra heresias e desvios doutrinários. Sua obra literária, marcada pela profundidade, originalidade e eloquência, continua a influenciar a teologia e a filosofia até hoje. A morte de Agostinho, que ocorreu em meio a uma época de grande agitação política e social, foi marcada pela tranquilidade e resignação, que refletiam sua confiança na vida eterna e sua crença em um Deus amoroso e misericordioso. Em suma,

Agostinho foi uma figura singular em seu tempo e continua a ser uma fonte de inspiração e reflexão.

1.3 Obras

Agostinho é amplamente reconhecido como um dos maiores escritores cristãos da Antiguidade. Suas obras são variadas e tratam de diversos temas, incluindo teologia, filosofia, ética e política. Entre suas obras mais conhecidas estão as Confissões, a Cidade de Deus, O Livre-Arbítrio, entre outras. Neste tópico, nos concentramos em algumas de suas principais obras e iremos discutir suas ideias e influências.

Nesse sentido, Peter Brown (2020) ressalta a popularidade das Confissões no contexto da época em que foram escritas. O livro encontrou seu público devido à crescente disseminação do ascetismo no mundo latino, e foi adotado pelos *spiritales*, um grupo de homens altamente sofisticados e dedicados à vida religiosa. As Confissões foram escritas como uma forma de auto exame e confissão, e foram muito influentes na literatura e na teologia cristã posterior. Agostinho oferece uma perspectiva sincera e introspectiva sobre sua vida e experiência, o que o torna uma leitura fascinante até hoje.

Assim, Agostinho não precisou procurar muito para encontrar um público para as Confissões. Este tinha sido criado, em data bem recente, pela espantosa disseminação do ascetismo no mundo latino. As Confissões foram um livro para os *servi Dei*, os "servos de Deus"; trata-se de um documento clássico das preferências de um grupo de homens altamente sofisticados, os *spiritales*, ou "homens do espírito". (Brown,2020,pag 196)

A obra "Confissões" de Agostinho foi muito bem recebida pelo público, especialmente pelos "servos de Deus" e pelos "homens do espírito", que eram um grupo de pessoas altamente sofisticadas e que valorizavam muito o ascetismo. Esse público havia se formado recentemente, em parte devido à disseminação do ascetismo no mundo latino. A obra de Agostinho tornou-se um clássico para esses indivíduos, que buscavam uma vida de renúncia e entrega a Deus. Agostinho não precisou procurar muito para encontrar esse público, pois suas ideias e experiências ressoavam profundamente com as aspirações desses grupos. As "Confissões" é uma obra que aborda a natureza humana, as tentações, o pecado e a busca da redenção, tudo isso em um tom pessoal e introspectivo. Ela influenciou profundamente a literatura posterior e continua sendo um dos trabalhos mais lidos e estudados da literatura ocidental.

Vós, que sois o Médico do meu interior, esclarecei-me sobre o fruto com que faço esta confissão. Na verdade, as confissões dos meus males passados — que perdoastes e esqueceste para me tornardes feliz em Vós, transformando-me a alma com a fé e com o vosso sacramento —, quando se leem ou ouvem, despertam o coração para que não durma no desespero nem diga: "não posso". Despertam-na para que vigie no amor da vossa misericórdia e na doçura da vossa graça, com a qual se torna poderoso o fraco que, por ela, toma consciência da sua fraqueza. Consolam-se, além disso, os bons ao ouvirem os males passados daqueles que já não sofrem. Santo Agostinho; Agostinho de Hipona. Confissões (p. 205). Montecristo Editora. Edição do Kindle.

Após as Confissões, é possível entender a riqueza e complexidade da obra de Agostinho, que vai muito além da sua história pessoal e abrange temas teológicos, filosóficos e culturais. Nesse sentido, outra obra importante de Agostinho que merece ser destacada é *De Doctrina Christiana*, um tratado sobre a interpretação da Bíblia e a formação de uma cultura cristã crítica. Embora essa obra seja menos conhecida do que *As Confissões*, ela apresenta uma visão original e inovadora sobre como os estudos bíblicos podem contribuir para a formação de uma cultura cristã crítica e reflexiva, e mostra a importância que Agostinho atribuía à reflexão crítica sobre a cultura de sua época.

O *De Doctrina Christiana*, iniciado em 396, mas que ficou inacabado até 427. A *Doctrina Christiana*, porém, não foi um projeto de longo alcance para estudos bíblicos independentes. Isso porque Agostinho viveu numa época oprimida pela reverência pelo "especialista". Ele acreditava em dragões por ter lido sobre estes nos livros." A cultura cristã, para ele, tendeu a se tornar mais do que a aquisição de manuais de especialistas reconhecidos. Contudo, esse foi um dos livros mais originais que Agostinho escreveu, pois versou explicitamente sobre os laços que uniam os cristãos instruídos à cultura de sua época. (Brown,2020,pag 327)

Peter Brown (2020) destaca a importância do livro *De Doctrina Christiana* para entender a visão de Agostinho sobre a relação entre os estudos bíblicos e a cultura de sua época. Embora o livro tenha sido iniciado em 396, ele só foi concluído em 427, o que mostra o trabalho minucioso que Agostinho dedicou a essa obra. Segundo Brown, a cultura cristã na época de Agostinho valorizava muito a figura do "especialista", e havia uma tendência de se adquirir conhecimento por meio de manuais e livros escritos por esses especialistas. No entanto, Agostinho via a cultura cristã como algo mais amplo do que a simples aquisição de conhecimento técnico. Ele entendia que os cristãos instruídos deveriam ter uma compreensão profunda e crítica da cultura de sua época, para poderem relacionar a mensagem cristã com as questões e desafios que a

sociedade enfrentava. Com certeza, é importante destacar que o livro *De Doctrina Christiana* é significativo por ter abordado claramente as relações que conectavam os cristãos letrados à cultura da época, e por ter apresentado uma perspectiva original e distinta sobre como o estudo da Bíblia poderia contribuir para a formação de uma cultura cristã crítica e reflexiva.

Após explorar *As Confissões* e *De Doctrina Christiana*, duas obras importantes e emblemáticas na produção de Agostinho, é possível perceber a amplitude e a profundidade do pensamento desse grande teólogo e filósofo. Contudo, sua obra mais ampla e complexa, e que talvez seja uma das mais influentes da história do pensamento ocidental, é *A Cidade de Deus*. Escrita em resposta à queda de Roma e à acusação de que o cristianismo teria sido responsável pela crise do Império, essa obra apresenta uma visão abrangente da história e da sociedade, com a qual Agostinho busca demonstrar que a verdadeira cidade dos cristãos é a cidade celeste, e que a sociedade humana é sempre imperfeita e marcada pelo pecado. Neste capítulo, portanto, exploraremos *A Cidade de Deus*, suas principais ideias e sua relevância para a compreensão da obra e do pensamento de Agostinho, bem como sua influência na história do pensamento ocidental e no desenvolvimento da teologia cristã.

Em *A Cidade de Deus*, contudo, Agostinho julgou o seus méritos, como uma instituição puramente humana: reduziu-o vel de qualquer outro Estado, a fim de expulsar os deuses de sua história, e discutiu sua contribuição para a vida do cristão em termos muito gerais, a ponto de presumir que a função do império poderia ser por qualquer outro Estado.⁵¹ É raro depararmos com um homem de 60 anos, vivendo no limiar de uma grande mudança, que já tenha passado a encarar uma cultura única e uma instituição política única como substituíveis, pelo menos em tese. (Brown, 2020, pag 330)

A citação de Peter Brown apresenta uma visão interessante sobre a obra de Agostinho, *A Cidade de Deus*. O autor destaca que Agostinho avaliou o Império Romano de forma crítica, como uma instituição puramente humana que não poderia substituir a cidade celeste dos cristãos. Ele reduziu o império a um Estado comum, retirando-lhe a aura divina que os pagãos atribuíam a ele. Além disso, Agostinho discutiu a contribuição do império para a vida dos cristãos em termos muito gerais, sugerindo que outras instituições poderiam assumir sua função. Essa avaliação crítica do império é notável porque Agostinho vivia em um momento de transição, no qual o mundo antigo estava sendo transformado pelo cristianismo e pelo colapso do império. Brown destaca que é raro encontrar

um homem de 60 anos, como Agostinho na época, que já tenha aceitado a possibilidade de uma cultura e uma instituição política únicas serem substituíveis. Essa postura crítica e reflexiva é uma das principais características da obra de Agostinho, e mostra sua busca por uma compreensão profunda e verdadeira da história e da sociedade.

Apresentaremos três obras fundamentais de Agostinho: *As Confissões*, *De Doctrina Christiana* e *A Cidade de Deus*. Cada uma delas apresenta uma faceta diferente do pensamento e da produção do teólogo e filósofo africano. Em *As Confissões*, Agostinho nos oferece uma reflexão profunda e intimista sobre a sua própria vida, sua trajetória espiritual e seu relacionamento com Deus. Em *De Doctrina Christiana*, ele discute a relação entre a cultura e os cristãos instruídos, apresentando uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade de sua época., Em *A Cidade de Deus*, ele oferece uma visão abrangente da história e da sociedade, mostrando que a verdadeira cidade dos cristãos é a cidade celeste, e que a sociedade humana é sempre imperfeita e marcada pelo pecado.

Por meio dessas obras, podemos perceber um pouco da profundidade e a amplitude do pensamento de Agostinho, que influenciou a história do pensamento ocidental e o desenvolvimento da teologia cristã. Sua capacidade de refletir sobre a vida, a sociedade e a religião de forma crítica e reflexiva, sem perder de vista a dimensão espiritual e moral, é uma das principais características de sua obra e de seu legado.

Assim, concluímos este capítulo com a certeza de que Agostinho é um dos pensadores mais importantes da história do pensamento ocidental, e suas obras *As Confissões*, *De Doctrina Christiana* e *A Cidade de Deus* são exemplos marcantes de sua contribuição para o desenvolvimento da filosofia, da teologia e da cultura ocidental.

Compreender o contexto histórico e cultural em que Agostinho viveu foi essencial para entender suas obras.

CAPÍTULO II: A DOCTRINA CRISTÃ: COMO INTERPRETAR AS SAGRADAS ESCRITURAS

2.1 Estruturas e objetivo da obra

A obra "A Doutrina Cristã" de Agostinho tem como objetivo explorar a importância da Bíblia como base essencial para a vida espiritual e moral dos cristãos. Dividida em aspectos dogmáticos e morais, o livro busca não apenas conhecer a realidade e descobrir as verdades fundamentais da fé cristã, mas também destacar a necessidade da formação cultural, para compreender a Bíblia. Agostinho ressalta que as ciências e a cultura devem estar subordinadas ao entendimento da Bíblia. No que diz respeito à interpretação bíblica, ele apresenta regras para evitar ambiguidades e enfatiza a importância da oração para uma compreensão mais profunda das Sagradas Escrituras. Em suma, para Agostinho, a Bíblia é considerada um livro sagrado e a fonte suprema de todo conhecimento e verdade.

O livro I é dividido em dois aspectos: dogmático e moral, sendo que o primeiro trata da doutrina cristã, buscando conhecer o real e descobrir as realidades, como Deus Trindade, a encarnação, a ressurreição, a Igreja, entre outras. Já o segundo aspecto trata das verdades morais, tais como a fé, a esperança e a caridade.

De acordo com de Santo Agostinho, todo conhecimento se estende sobre as coisas ou sobre os sinais. É necessário distinguir entre o conhecimento das coisas e o conhecimento dos sinais. A doutrina cristã busca, em primeiro lugar, conhecer o real, isto é, as coisas. Entre elas, a suprema coisa é Deus Trindade, e a mais excelente das coisas criadas é o homem. Para alcançar Deus, o homem precisa purificar seu espírito e seguir o caminho que é Jesus Cristo, através da fé, da esperança e da caridade.

No Livro II ele destaca que as palavras da Escritura são sinais escritos, ou seja, palavras, e que é necessário conhecer os signos e as línguas para entender seu significado. Além disso, Agostinho acredita que certas disposições morais são necessárias para entender o sentido dos livros inspirados, como as virtudes obtidas pelos dons do Espírito Santo.

O autor também enfatiza a importância da formação cultural do discípulo para entender a Bíblia, começando pelas lições de gramática para ler o texto. Ele recomenda o estudo de outras ciências, como a história, a geografia, a história natural, a astronomia, as artes mecânicas, a dialética, as matemáticas e a música, todas subordinadas ao entendimento da Bíblia. É importante notar que Agostinho ressalta que a astronomia não deve ser confundida com a astrologia, que se relaciona com magias e superstições.

Agostinho também aborda a autenticidade do cânon completo das Escrituras e recomenda que tudo o que for encontrado de certo nos autores pagãos seja incorporado ao acervo da verdade cristã. Ele termina o livro destacando a diferença entre os livros santos e profanos e a superioridade dos primeiros.

No livro III, Santo Agostinho dedica-se a ensinar as regras da interpretação bíblica, tendo como objetivo principal ensinar a resolver as ambiguidades presentes nas Escrituras. Para tanto, o autor inicia falando sobre as ambiguidades encontradas nos textos tomados em sentido próprio e, em seguida, sobre as ambiguidades presentes em textos figurados, que são mais complexas e requerem maior aplicação para serem compreendidas.

Uma das principais regras apresentadas por Santo Agostinho para evitar as ambiguidades na interpretação da Bíblia é o recurso à crítica textual, que consiste em examinar o contexto, cotejar as traduções ou recorrer ao original. Além disso, ele apresenta uma série de princípios que ajudam na interpretação de textos figurados e, no caso de haver pluralidade de significações, dá normas para a escolha do sentido exato ou do mais provável.

No Livro IV, Santo Agostinho destaca a importância de falar com sabedoria, buscando sempre ensinar, deleitar e convencer os ouvintes. Para isso, o autor propõe o uso dos três tipos de estilo (simples, moderado e sublime), adaptados ao tema e ao objetivo. Agostinho apresenta exemplos tirados das Santas Escrituras e de doutores da Igreja, como São Paulo, São Cipriano e Santo Ambrósio.

A obra 'A Doutrina Cristã' de Santo Agostinho explora a importância da Bíblia como base essencial para a vida espiritual e moral dos cristãos, mas tem como objetivo central buscar o conhecimento do real e das verdades fundamentais da fé cristã. Dividida em quatro livros, a obra aborda tanto o

aspecto dogmático quanto o aspecto moral da doutrina, buscando compreender Deus Trindade, a encarnação, a ressurreição, a Igreja, a fé, a esperança e a caridade. Agostinho apresenta regras de interpretação bíblica para evitar ambiguidades, ressaltando a importância da formação cultural e da oração para a compreensão das Sagradas Escrituras. Além disso, o autor discute a oratória sagrada e a importância de falar com sabedoria. Em síntese, a obra visa promover o conhecimento do real, a compreensão das verdades da fé e a aplicação correta da Palavra de Deus.

2.2 A interpretação das Escrituras

No contexto da interpretação da Escritura, a obra "A Doutrina Cristã" de Santo Agostinho nos leva a refletir sobre o poder dos sinais na comunicação e compreensão da realidade. Agostinho nos mostra que os sinais vão além das impressões sensoriais e desempenham um papel fundamental na transmissão da mensagem divina. Ao explorar a importância dos sinais, tais como palavras, gestos e eventos, podemos adquirir uma compreensão mais profunda da Escritura e discernir a vontade de Deus. Agostinho ressalta a necessidade de distinção entre signos próprios e figurados, bem como destaca a relevância do conhecimento das línguas originais da Bíblia. Assim, somos desafiados por essa obra a buscar uma compreensão mais profunda da palavra de Deus, fortalecendo assim uma jornada espiritual.

Sinal, é um conceito fundamental para a compreensão dos ensinamentos exegéticos contidos na obra "A Doutrina Cristã". Agostinho argumenta que um sinal é uma coisa que, além de causar uma impressão em nossos sentidos, também evoca uma ideia distinta em nossa mente. Ao reconhecermos a importância dos sinais na comunicação e interpretação, podemos compreender melhor a Escritura e discernir a vontade de Deus.

Agostinho usa exemplos para ilustrar sua definição de sinal, como a pegada de um animal que nos leva a pensar em sua presença, a fumaça que nos leva a pensar em fogo, e a voz de uma pessoa que nos leva a inferir seu estado de ânimo. Todos esses exemplos são coisas que produzem uma impressão em nossos sentidos, mas também nos levam a pensar em algo mais do que apenas a impressão sensorial inicial.

O sinal é, portanto, toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta. Assim, por exemplo, quando vemos uma pegada, pensamos que foi impressa por animal. Ao ver fumaça, percebemos que embaixo deve haver fogo. Ao ouvir a voz de um ser animado, damos-nos conta do estado de seu ânimo. Quando soa a corneta, os soldados sabem se devem avançar, retirar-se ou fazer alguma outra manobra, exigida pelo combate. Santo Agostinho. Patrística ¹-

Para Agostinho, os sinais são importantes porque eles nos ajudam a compreender a realidade que nos cerca. Eles são um meio pelo qual podemos inferir coisas que não estão diretamente presentes nos nossos sentidos. Em termos religiosos, os sinais são usados para interpretar a vontade de Deus e discernir sua presença na criação. Agostinho usa o exemplo da corneta tocada durante uma batalha para ilustrar como um sinal pode ser usado para orientar nossas ações. Os soldados sabem como agir com base no som da corneta.

Através da compreensão dos sinais, Agostinho oferece uma visão abrangente da comunicação e da interpretação da realidade. No entanto, Agostinho também ressalta que as palavras possuem um poder especial na transmissão da verdade e da sabedoria. Ele defende a existência de uma verdade objetiva e independente das opiniões humanas, e acredita que as palavras são o meio pelo qual essa verdade é comunicada entre as pessoas. Apesar do risco de má utilização ou má interpretação, o autor enfatiza a importância de utilizar as palavras com precisão e cuidado, buscando transmitir com clareza as ideias e pensamentos desejados. Assim, a compreensão dos sinais e o uso adequado das palavras se entrelaçam como elementos essenciais na jornada espiritual e na busca pela verdade.

De acordo ele, a importância das palavras como sinais reside no fato de que elas são a forma mais eficiente de transmitir ideias e pensamentos entre as pessoas. Enquanto outros sinais podem ser interpretados de maneiras diferentes por indivíduos diferentes, as palavras têm um significado mais preciso e universalmente compreensível. Por essa razão, as palavras são usadas por todos como uma forma de expressão de suas ideias e pensamentos, seja por meio da fala ou da escrita.

¹ SANTO AGOSTINHO. Patrística - A doutrina cristã - Vol. 17. (p.67) São Paulo: Paulus Editora, edição do Kindle.

As palavras, com efeito, obtiveram entre os homens o principal lugar para a expressão de qualquer pensamento, sempre que alguém quer manifestá-lo. Certamente, o Senhor deu um sinal através do olfato pelo perfume do unguento derramado em seus pés (Jo 12,3.7). Através do sentido do paladar, também significou sua vontade pelo sacramento de seu corpo e sangue pregustados por ele (Lc 22,19.20). Igualmente, através do sentido do tato deu um sinal, quando a mulher, tocando a orla de sua veste, recebeu a cura (Mt 9,21)².

Além disso, Agostinho também reconhece que as palavras são sinais dotados de significado e propósito divino. Ele faz referência à forma como Deus usou palavras para criar o mundo e como as palavras foram usadas pelos profetas e apóstolos para transmitir a mensagem divina aos homens. Portanto, a supremacia das palavras como sinais também pode ser entendida como uma confirmação da importância da palavra de Deus na vida dos cristãos.

Santo Agostinho destaca a importância das letras como signos que tornam possível a fixação das palavras, permitindo que elas sejam transmitidas ao longo do tempo e do espaço. Segundo o autor, as palavras são efêmeras e desaparecem rapidamente após serem ditas. Por isso, para que possam ser preservadas e transmitidas, foram criados os sinais, que são representados pelas letras.

Ora, ao vibrar no ar, as palavras logo desaparecem, e não duram mais longamente do que ao ressoarem. Para serem fixadas, então, foram instituídos seus signos, por meio das letras. Assim, as palavras manifestam-se aos olhos não por elas próprias, mas pelos sinais que lhe são próprios. Santo Agostinho. Patrística

Santo Agostinho, ao enfatizar a importância das letras como sinais que possibilitam a fixação das palavras, estabelece uma conexão relevante com sua discussão sobre a compreensão da Escritura. Ele observa que as palavras são efêmeras, desaparecendo rapidamente após serem pronunciadas, o que requer a criação de sinais para preservar e transmitir seu significado ao longo do tempo e do espaço. Essa reflexão sobre a natureza dos signos linguísticos estabelece uma base para compreender as causas da incompreensão do texto da Escritura. Ao compreender a importância dos signos na comunicação e interpretação dos textos sagrados, podemos aprofundar nossa compreensão da mensagem divina.

Ao reconhecer que os signos são fundamentais para a preservação e transmissão do significado das palavras ao longo do tempo, Agostinho nos leva

² AGOSTINHO, op. cit., p. 69-70.

a considerar a complexidade da comunicação e interpretação dos textos sagrados. Ao mesmo tempo, ele ressalta a necessidade de ir além das traduções e buscar uma compreensão direta das línguas originais, a fim de evitar possíveis distorções ou limitações na transmissão da mensagem de Deus. Segundo ele, para uma compreensão completa da Bíblia, é necessário ter conhecimento do grego e do hebraico, as línguas originais dos textos bíblicos. Isso ocorre porque as traduções para o latim, língua comum na época de Agostinho, podem apresentar dificuldades ou imprecisões na transmissão do significado original.

Os conhecedores da língua latina, a quem pretendemos instruir neste momento, necessitam, para chegar a conhecer a fundo as divinas Escrituras, de duas outras línguas, a saber, o grego e o hebraico. Elas lhes permitirão recorrer aos exemplares mais antigos, no caso em que a infinita variedade das traduções latinas lhes traga alguma dúvida.³

Nesse contexto, Agostinho aborda os dois principais obstáculos à compreensão da Escritura: os signos desconhecidos e os signos de sentido figurado. A presença de palavras ou símbolos desconhecidos dificulta a compreensão do texto, enquanto os signos de sentido figurado exigem um esforço interpretativo e conhecimento do contexto para compreendê-los plenamente. Agostinho destaca a importância de distinguir entre signos próprios, que designam objetos específicos, e signos figurados, que possuem um significado simbólico mais abstrato. Ao compreender e discernir os diferentes tipos de signos utilizados na Escritura, podemos alcançar uma compreensão mais profunda da mensagem divina. Essa reflexão sobre os desafios da interpretação dos signos culmina na importância de uma abordagem cuidadosa e atenta para alcançar um entendimento completo da palavra de Deus.

Ora, há duas causas da incompreensão do texto da Escritura. A verdade encontra-se oculta por signos desconhecidos ou por signos de sentido figurado. Com efeito, os signos são ou próprios ou figurados. São chamados próprios quando empregados para designar os objetos para os quais foram convencionados⁴.

2.3 Ambiguidades Interpretativas

A ambiguidade na Escritura é um desafio reconhecido e abordado por Santo Agostinho. Ao ler a Escritura de forma distraída as pessoas se enganam diante das múltiplas obscuridades e ambiguidades, confundindo um sentido com

³ AGOSTINHO, op. cit., p. 77.

⁴ AGOSTINHO, op. cit., p. 77.

outro e até mesmo deixando passagens sem interpretação. Como resultado, acabam projetando sobre os textos obscuros uma falta de clareza ainda maior. Os que lêem a Escritura inconsideradamente enganam-se com as múltiplas obscuridades e ambiguidades, tomando um sentido por outro. Nem chegam a encontrar, em algumas passagens, alguma interpretação. E assim, projetam sobre os textos obscuros as mais espessas trevas⁵. Paulus Editora. Edição do Kindle. Agostinho ressalta a importância de lidar com cautela com os múltiplos sentidos presentes em certas passagens, para evitar interpretações equivocadas. Ele alerta sobre os perigos de distorcer significados ou de deixar passagens sem compreensão adequada. Diante disso, é fundamental adotar uma abordagem séria e cuidadosa na interpretação da Escritura, a fim de evitar lançar "as mais espessas trevas" sobre os textos obscuros.

Ao refletir sobre a natureza dos signos, tanto próprios quanto figurados, o autor oferece uma base conceitual para entender como os elementos linguísticos podem transmitir diferentes significados. Essa compreensão é relevante para uma leitura aprofundada da Escritura, onde a habilidade de discernir entre os signos próprios e figurados pode contribuir para uma interpretação mais precisa e uma compreensão mais profunda dos ensinamentos divinos.

Agostinho aborda a distinção entre os signos próprios e os signos figurados na Escritura como um desafio para a compreensão da verdade contida nos textos sagrados. Os signos próprios são aqueles que são estabelecidos para designar objetos específicos, como o termo "boi" que se refere ao animal comumente conhecido por esse nome. Por outro lado, os signos figurados têm uma função dupla, pois além de designarem um objeto específico, também possuem um significado simbólico ou metafórico adicional. Essa dualidade semântica pode tornar a interpretação mais complexa para os leitores, assim como a presença de signos desconhecidos que se referem a objetos ou conceitos não familiares. Esses desafios na compreensão dos signos na Escritura exigem uma abordagem cuidadosa e um conhecimento aprofundado dos contextos cultural, histórico e linguístico para uma interpretação mais precisa dos ensinamentos divinos.

⁵ AGOSTINHO, op. cit., p. 70.

Ora, há duas causas da incompreensão do texto da Escritura. A verdade encontra-se oculta por signos desconhecidos ou por signos de sentido figurado. Com efeito, os signos são ou próprios ou figurados. São chamados próprios quando empregados para designar os objetos para os quais foram convencionados. Por exemplo, dizemos: boi, e relacionamos com o animal que todos os homens de língua latina denominam por esse nome. Os signos são figurados ou metafóricos, quando as mesmas coisas, que denominamos com seu termo próprio, são também tomadas para significar algo diferente.

Santo Agostinho destaca que a ambiguidade da Escritura decorre da interpretação inadequada dos termos, que podem ser tomados em seu sentido próprio ou em sentido figurado. Ele argumenta que essa distinção já foi abordada em seu Livro II, reforçando a importância do conhecimento prévio do leitor para a compreensão adequada do texto.

Contudo, como dizia, se ele estiver em boa disposição, que saiba — quanto puder ser instruído por mim — que toda ambigüidade da Escritura provém seja dos termos tomados em seu sentido próprio, seja de termos tomados em sentido figurado. Sobre essa distinção já falamos no Livro II.⁶

Santo Agostinho destaca que a ambiguidade na interpretação dos textos sagrados pode ocorrer devido a esses dois fatores: o uso de termos próprios ou figurados. Quando os termos são tomados em seu sentido próprio, podem levar a uma compreensão equivocada, já que os termos podem ter sentidos diferentes a depender do contexto. Por outro lado, quando os termos são tomados em sentido figurado, pode ser difícil para o leitor entender o significado real, já que eles são usados para designar algo diferente do que se esperaria do seu sentido literal.

Santo Agostinho enfatiza a importância da crítica textual como uma regra geral para evitar ambiguidades na interpretação das Escrituras. Ele acredita que um texto cuidadosamente corrigido e preciso tem o poder de dissipar e resolver as ambiguidades presentes nos textos sagrados. Agostinho reconhece a necessidade de um trabalho consciencioso na correção do texto, garantindo sua exatidão para que possa servir como base sólida para a compreensão das verdades contidas nas Escrituras. Ao estabelecer essa premissa, Agostinho busca fornecer um caminho confiável para superar os potenciais armadilhas da ambiguidade, permitindo uma interpretação mais precisa e fiel às mensagens divinas. A crítica textual, portanto, é vista como uma ferramenta valiosa na busca pela clareza e compreensão das Escrituras.

⁶ AGOSTINHO, op. cit., p. 177.

Finalmente, apoiado na exatidão do texto obtido por trabalho consciencioso de correção, que ele, assim preparado, possa dissipar e resolver as ambiguidades das Escrituras.⁷ Ele acredita que um texto cuidadosamente corrigido e preciso tem o poder de dissipar e resolver as ambiguidades presentes nos textos sagrados. Agostinho reconhece a necessidade de um trabalho consciencioso na correção do texto, garantindo sua exatidão como base sólida para a compreensão das verdades divinas. Ao estabelecer essa premissa, o autor oferece um caminho confiável para superar os potenciais armadilhas da ambiguidade, permitindo uma interpretação mais precisa e fiel das mensagens sagradas. A crítica textual, portanto, é vista como uma ferramenta valiosa na busca pela clareza e compreensão das Escrituras. Ao seguir esses princípios, os leitores podem desenvolver uma interpretação sólida e confiável, evitando equívocos e alcançando uma compreensão mais profunda da mensagem divina.

2.4 Princípios para interpretação de textos figurados:

Santo Agostinho, oferece princípios fundamentais para a interpretação das escrituras. Segundo ele, é essencial compreender a finalidade subjacente das palavras e ações descritas nas Escrituras, que é a destruição da concupiscência e a promoção da caridade. Agostinho destaca a importância de examinar cuidadosamente a intenção por trás das expressões figuradas e distinguir entre aquelas que proíbem ou ordenam ações específicas. Além disso, ele enfatiza que os leitores não devem imitar literalmente os costumes do Antigo Testamento, mas sim compreendê-los de forma figurada. Agostinho também ressalta que, ao deparar-se com ambiguidades na interpretação, é válido considerar diferentes sentidos, desde que sejam consistentes com outras passagens das Escrituras. Esses princípios direcionam os leitores a buscar um entendimento mais profundo e espiritual das escrituras, em busca da mensagem moral e espiritual que elas transmitem.

Em consequência, tudo o que se lê de rigoroso e por assim dizer de duro nas palavras e nas ações postas nas santas Escrituras, por conta de Deus e de seus santos, tem por finalidade destruir da concupiscência. Se o texto for claro, não é preciso relacioná-lo a outra coisa como se estivesse em sentido figurado.⁸

⁷ AGOSTINHO, op. cit., p. 117

⁸ AGOSTINHO, op. cit., p. 128.

Nessa citação de Santo Agostinho, ele apresenta o primeiro princípio para a interpretação das escrituras, que é a observação da finalidade de destruir a concupiscência nas palavras e ações descritas. Agostinho destaca que tudo o que é lido como rigoroso e duro nas escrituras, atribuído a Deus e aos santos, tem como objetivo fundamental combater os desejos pecaminosos presentes na natureza humana. Essa abordagem revela a perspectiva moral e espiritual de Agostinho, enfatizando a importância de compreender que as palavras e ações nas escrituras têm a finalidade de confrontar e eliminar os impulsos desordenados que podem nos afastar do caminho correto e da vontade divina.

O segundo princípio para a interpretação das escrituras, é verificar a intenção por trás das ações descritas. Agostinho defende que palavras e ações que podem parecer iniquidades, tanto em relação a Deus quanto aos homens, devem ser entendidas como expressões figuradas. Ele destaca que essas expressões são erroneamente consideradas como más por aqueles que são ignorantes, ignorando a santidade que a própria Escritura nos recomenda. Devem ser tomadas como expressões figuradas as palavras e ações pretensamente consideradas pelos ignorantes como iniquidades em referência a Deus ou a homens, cuja santidade a própria Escritura nos recomenda. Santo Agostinho. *Patrística - A doutrina cristã - Vol. 17* (p. 129). Paulus Editora. Edição do Kindle.

Agostinho nos convida a olhar além da superfície das palavras e ações nas escrituras e examinar a intenção por trás delas. Ele nos lembra que a interpretação adequada requer um entendimento mais profundo e espiritual, em vez de uma interpretação superficial baseada em aparências enganosas. Ao verificar a intenção por trás das ações descritas, podemos discernir a mensagem moral e espiritual que as escrituras buscam transmitir.

Assim, depois de ter sido destruída a tirania da concupiscência, que reine a caridade com as leis justíssimas do amor de Deus por causa de Deus, e do amor de si próprio e do próximo por amor de Deus. Por isso, eis a regra a ser observada nas expressões figuradas: é preciso examinar o que se lê com minuciosa atenção, até que a interpretação seja conduzida a esse fim: o reino da caridade.⁹

O terceiro princípio para interpretação de textos figurados é o Reinado da Caridade. Agostinho enfatiza que, após a destruição da tirania da

⁹ AGOSTINHO, op. cit., p. 132-133.

concupiscência, o objetivo é estabelecer o reinado da caridade, guiada pelas leis justas do amor a Deus, por causa de Deus, e do amor a si mesmo e ao próximo, por amor a Deus. Ele convida-nos a aplicar esse princípio ao interpretar as expressões figuradas encontradas nas escrituras. Destaca a importância de examinarmos minuciosamente o que lemos, direcionando a interpretação para esse objetivo: estabelecer o reino da caridade. Essa abordagem reflete a visão central de Agostinho, enfatizando a importância da caridade, do amor divino e do amor ao próximo como fundamentos essenciais da vida cristã. Ele nos lembra que a interpretação das escrituras deve estar alinhada com esse supremo princípio da caridade, buscando sempre promover a união, a benevolência e o amor fraterno.

Se a Escritura apresenta expressão que proíbe seja uma ignomínia, seja um delito; ou, por outro lado, que ordene seja um ato de benevolência ou de utilidade, essa expressão não está em sentido figurado. Se, ao contrário, ela ordenar seja uma ignomínia, seja um delito, ou proibir seja um ato de benevolência, seja de utilidade, essa expressão está em sentido figurado.¹⁰

Nessa citação de Santo Agostinho, ele apresenta o quarto princípio para a interpretação das escrituras, interpretar tudo pelo critério da caridade. Agostinho nos orienta a analisar as expressões presentes na Escritura, distinguindo entre aquelas que proíbem ignomínias ou delitos e aquelas que ordenam atos de benevolência ou utilidade.

Ele afirma que, quando as Escrituras apresentam uma expressão que proíbe algo que é considerado uma ignomínia ou um delito, ou quando ordena um ato de benevolência ou utilidade, essa expressão não está em sentido figurado. Ou seja, devemos entender essas instruções de forma literal e aplicá-las diretamente em nossas vidas.

Por outro lado, Agostinho nos ensina que se a Escritura ordena uma ignomínia ou um delito, ou proíbe um ato de benevolência ou utilidade, essa expressão está em sentido figurado. Nesses casos, devemos buscar uma interpretação mais profunda e simbólica, que nos conduza à compreensão da mensagem espiritual subjacente.

Logo, ainda que quase todos os feitos relatados no Antigo Testamento possam ser entendidos não em sentido próprio unicamente, mas também no figurado, se o leitor os tiver tomado no sentido literal — pois os que praticaram tais feitos são louvados, não obstante serem estes incompatíveis com os costumes dos homens de bem, desde a vinda

¹⁰ AGOSTINHO, op. cit., p. 133.

do Senhor, pelos fiéis aos preceitos divinos —, que esse leitor recorra ao sentido figurado para os compreender melhor. Não imite, entretanto, na prática esses costumes. Porque há muitos desses feitos que, naquela época, foram cumpridos por dever, mas agora não podem ser praticados senão por paixão.¹¹

Nessa citação, Santo Agostinho apresenta o quinto princípio para a interpretação das escrituras, que é não imitar atualmente os costumes do Antigo Testamento. O autor ressalta que, embora muitas das ações relatadas no Antigo Testamento possam ser compreendidas tanto em sentido literal quanto figurado, é importante que os leitores as entendam no sentido figurado, especialmente aqueles que as interpretaram literalmente.

Ele argumenta que muitos dos feitos louvados no Antigo Testamento são incompatíveis com os costumes e preceitos divinos estabelecidos após a vinda do Senhor. Portanto, ele aconselha os leitores a adotar uma compreensão figurada dessas ações, a fim de compreendê-las melhor em seu contexto espiritual.

Se acontecer de o leitor ler alguns pecados cometidos por grandes homens, pode, é certo, notar e descobrir aí uma figura dos acontecimentos futuros. Todavia, que ele retire do caráter particular do ato cometido a seguinte lição: de modo algum, ter a ousadia de se vangloriar de suas boas ações, nem, graças à sua própria retidão, condenar os outros como pecadores, vendo tão excelsos varões envoltos em tempestades que devem ser evitadas, ou em naufrágios inteiramente lamentáveis. Aliás, os pecados deles não foram relatados a não ser para tornar temido, em toda parte, este pensamento do Apóstolo: “Assim pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12).¹²

Nessa citação, Santo Agostinho apresenta o sexto princípio para a interpretação das escrituras, que é desculpar com humildade as faltas dos antigos. Agostinho reconhece que ao ler sobre os pecados cometidos por grandes homens do passado, o leitor pode identificar neles uma representação simbólica de eventos futuros. No entanto, ele enfatiza que o leitor deve extrair uma lição do caráter particular dessas ações, que é a humildade diante de suas próprias boas ações e a não condenação dos outros baseada em sua própria retidão.

Agostinho adverte que o leitor não deve se orgulhar de suas próprias boas ações nem julgar os outros como pecadores, pois ao observar esses

¹¹ AGOSTINHO, op. cit., p. 138.

¹² AGOSTINHO, op. cit., p. 139.

grandes homens envolvidos em tempestades e naufrágios, deve-se perceber a fragilidade humana e a necessidade de cautela. Os pecados dos antigos foram relatados para despertar o temor e lembrar a todos da advertência do Apóstolo Paulo: "Portanto aquele que julga estar de pé, cuide para que não caia" (1 Coríntios 10:12).

Apresentados os princípios fundamentais de interpretação propostos por Santo Agostinho, é possível perceber a abordagem cautelosa e reflexiva que ele sugere para uma real compressão as escrituras. Agostinho enfatiza a necessidade de examinar a intenção por trás das expressões figuradas. Porém, ele também reconhece a existência da pluralidade de significados e incentiva os intérpretes a escolherem um sentido consistente com outras passagens das Escrituras. Ele destaca que, mesmo quando várias interpretações são possíveis e o sentido pretendido pelo autor não está claro, não há problema em adotar qualquer um desses sentidos. No entanto, estabelece uma condição importante: é necessário que seja possível sustentar o sentido escolhido através de outras passagens das Sagradas Escrituras, demonstrando que esse sentido está em conformidade com a verdade.

Quando das mesmas palavras da Escritura são tirados não somente um, mas dois ou vários sentidos — ainda que não se descubra qual foi o sentido que o autor tenha em vista — não há perigo em adotar qualquer deles. Sob a condição, porém, de poder mostrar, através de outras passagens das santas Escrituras, que tal sentido combina com a verdade.¹³

Agostinho reconhece a complexidade da interpretação das palavras escritas e a diversidade de significados que podem surgir. Em vez de ficar preso à incerteza e ao impasse causados pela ambiguidade, ele encoraja os intérpretes a fazerem uma escolha entre os sentidos possíveis. No entanto, essa escolha deve ser fundamentada e sustentada pela coerência com outros trechos das Escrituras, garantindo que a interpretação adotada esteja alinhada com o conjunto da mensagem divina.

¹³ AGOSTINHO, op. cit., p. 142.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo aprofundado sobre Santo Agostinho e sua obra "Doutina Cristã", pudemos mergulhar na vida e nos ensinamentos desse intelectual comprometido com o discurso cristão. Agostinho se destacou como uma figura de grande importância em seu tempo e deixou um legado que ressoa até os dias atuais.

Ao examinar o contexto histórico em que Agostinho viveu, percebemos que ele testemunhou tanto a ascensão como o declínio do Império Romano. Sua época foi marcada por desafios e transformações significativas, incluindo a transição do paganismo para o cristianismo e as tensões internas e externas que levaram ao colapso do Império Romano do Ocidente. Agostinho viveu em meio a essas mudanças e contribuiu para a formação da cultura e do pensamento cristão da época.

Explorando sua obra "Doutina Cristã", compreendemos que o principal objetivo dessa obra era fornecer orientações práticas sobre como interpretar as Sagradas Escrituras. Agostinho reconheceu a importância da interpretação correta e da comunicação eficaz dos ensinamentos cristãos. Ele discutiu princípios hermenêuticos, como evitar ambiguidades interpretativas e compreender textos figurados, buscando fornecer diretrizes para uma interpretação clara e precisa das Escrituras.

Além disso, a "Doutina Cristã" reflete a busca de Agostinho por uma síntese entre a fé e a razão. Ele explorou questões teológicas e filosóficas complexas, como o livre-arbítrio, o pecado original e a graça divina. Sua abordagem procurou unir a tradição cristã com a sabedoria filosófica, buscando encontrar um equilíbrio entre fé e razão.

Santo Agostinho deixou um impacto significativo na história do pensamento cristão e no desenvolvimento da teologia ocidental. Suas ideias influenciaram e continuam a influenciar teólogos, filósofos e estudiosos religiosos em todo o mundo. Seu legado está presente não apenas em suas obras, mas também na tradição cristã em geral.

Em resumo, a figura de Santo Agostinho representa um marco importante na história do cristianismo e da filosofia ocidental. Sua dedicação à busca pela verdade, sua reflexão profunda sobre questões teológicas e sua abordagem

prática para a interpretação das Escrituras o tornaram uma das figuras mais influentes da tradição cristã. Seu trabalho continua a ser estudado e apreciado por aqueles que buscam compreender a fé cristã e aprofundar sua própria jornada espiritual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia de Jerusalém. (1976). São Paulo: Paulus.

Brown, Peter. **Agostinho de Hipona: Uma biografia.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 2020.

Clark, Mary T. **"Agostinho: Uma Introdução"**. Tradução de Claudio Marques da Silva. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

Daniélou, Jean. **O Pensamento de Santo Agostinho.** Tradução: Maria do Carmo Alexandre. São Paulo: É Realizações, 2011.

Marques, Leonardo Agostini. **Agostinho de Hipona e a Interpretação das Escrituras.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

O'Donnell, James J. **"Agostinho: Uma Vida"**. Tradução de Aldo Dinucci. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Rousseau, Philip. **Agostinho: Suas Vidas e Confissões.** Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Santo Agostinho. **"A Cidade de Deus"**. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2016.

Santo Agostinho; **Agostinho de Hipona. Confissões.** São Paulo: Montecristo Editora, edição do Kindle.

Santo Agostinho. Patrística - **A doutrina cristã** - Vol. 17. São Paulo: Paulus Editora, edição do Kindle.

Veyne, Paul. **O Império Romano.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.